

ONDE ESTÁ TODO MUNDO

Karoliny Mesquita¹

Resumo

A disciplina de Práticas em Ciências e Humanidades, ministrada pela professora doutora Marília Pisani, nos propôs um desafio: realizar uma pesquisa etnográfica sobre algum local que nos interessasse. A Casa do Olhar foi a minha escolha devido a aura misteriosa que o local demonstrava para mim. A condução do estudo trouxe boas surpresas e desfez os meus pré-conceitos iniciais. Com o objetivo de desvendar a importância do espaço para a sociedade e para as pessoas que ali trabalham, realizei oito visitas, em que tive a oportunidade de conhecer a história de cada um que ali trabalha, entender o funcionamento da Casa e me sentir parte daquele espaço, antes estranho para mim.

Palavras-chave: Casa do olhar, sentimento, funcionários, público, trabalho.

Abstract

The subject “Practices in Science and Humanities”, taught by phd Professor Marília Pisani, posed a challenge: to conduct an ethnographic research about some place that interests us. The “Casa do Olhar” was my choice due to the sibylline aura that hovers over it. The pathway of the study brought good surprises and deconstructed my initial preconceptions. Aiming to unravel the significance of the “Casa do Olhar” for the society and the who work there, I visited it eight times, having the opportunity to become better acquainted with the history of each one who works there, the “Casa do Olhar” operation and to feel part of that previously odd space.

Keywords: Casa do olhar, feeling, employees, public, work.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: karolinymesquita@hotmail.com

Desenvolvi esse trabalho tendo por objetivo entender qual é a relação dos funcionários e do público da Casa do Olhar Luiz Sacilotto com o espaço. Para tanto, realizei oito visitas em que tive a oportunidade de passar um tempo acompanhando a rotina de trabalho dos funcionários, o funcionamento da Casa do Olhar e o contato do público com o ambiente e com as exposições. Minha hipótese é que não importa qual o nível hierárquico de cada funcionário, quanto tempo as pessoas trabalham na Casa do Olhar ou quantas vezes os visitantes foram até ela, há um sentimento de carinho e afeto pelo espaço. SNIZEK (2008, p. 99), em seu estudo descreve que “(...) a força dos sentimentos é mais que uma simples manifestação, é uma forma de linguagem, todo o grupo as compreende (...)” e é com a intenção de compreender essa linguagem sobre os afetos ao espaço que desenvolvi esse trabalho. Para trilhar esse caminho até a resposta da minha pergunta de pesquisa me baseei no que SNIZEK (2008) descreve como a forma que o etnógrafo deve agir:

O etnógrafo jamais se torna o objeto pesquisado, mas deve ser capaz de viver algo de uma forma diferente de antes, deve ter sido capaz de correr o risco de abrir mão de suas certezas e de sua forma de conceber o mundo para tentar entender outras formas de se viver, só assim pode entender e comunicar como outros pensam e vivem (SNIZEK, 2008, p. 148)

Com base nisso, inicio o relato da minha experiência.

Morar em uma cidade e não conhecer o que tem em lugares que você passa em frente diariamente é algo que sempre me intrigou, talvez seja isso que me fez ir até a Casa do Olhar. Moro em Santo André há vinte e dois anos e sempre passei em frente a ela, seja de ônibus ou a pé, mas nunca parei para saber o que era.

Por ter uma arquitetura que remete a outros tempos (Fotografia 1) e não encontrarmos mais por aqui. Com janelas e seus lindos vitrais, portas de madeira, escadas que ao invés de serem retas, com uma única opção de entrada, são em formato de um arco, que nos conduz a uma escada reta que nos leva até a entrada principal como nos filmes em que vemos mansões antigas – há uma entrada à direita e à esquerda, não em frente, como estamos acostumados, e entre essas entradas há um banco em que as pessoas podem descansar e aproveitar a sombra ., Com sua cor amarela chamativa, seus muros baixos, seus pilares e a linda varanda que nos faz querer sentar lá por horas e observar o movimento, muito me surpreendia - e continua me surpreendendo mesmo após todas as visitas realizadas - que eu - e muitas pessoas que passam por ali diariamente - nunca tenha entrado para saber o que era, pois é um lugar que se destaca dos demais elementos que têm a sua volta.

Sabia, com toda a certeza do mundo que uma pessoa pode ter, que a propriedade era pública, pois há um portão aberto – assim como a enorme porta de madeira – que tenta quem

está passando em sua frente a entrar e, perto da entrada da porta, há uma daquelas placas de alumínio que vemos em locais públicos como museus, escolas. A grande questão era: o que havia naquela casa?

Aqui começa o motivo de eu ter escolhido esse lugar: há alguns anos minha irmã precisou ir até a Casa do Olhar para fazer um trabalho da escola. Como minha mãe estava trabalhando, tive que acompanhá-la, estava com pressa então não me atentei muito ao lugar, mas vi que éramos as únicas pessoas lá e isso me incomodou, pois, após descobrir do que se tratava o espaço, imaginei que haveria mais gente. Passados alguns anos desde essa visita, decidi que lá seria um lugar perfeito para se desenvolver uma pesquisa de campo e entender as relações das pessoas com o ambiente, dessa vez, totalmente focada em absorver o máximo de informação do espaço me atentei aos detalhes.

A casa foi construída na década de 1920 e era originalmente residência de Bernadino Queiróz dos Santos e sua esposa, Paschoalina Guazelli. Depois, pertenceu a sua sobrinha Olga Guazelli. A casa possui 400m² de área construída e possuía 11 cômodos, um porão e uma varanda. Na década de 1950 a prefeitura desapropriou o imóvel por entender que era um espaço de utilidade pública e tinha a intenção de torná-lo um Museu Histórico da Cidade de Santo André, entretanto, não houve sucesso, após isso o espaço "foi cedido à Prossan (Promoção Social de Santo André), depois à "Compre" e por último à Guarda Civil Municipal" (ARMELLINI, 2008, p.70). Até que, durante a gestão do prefeito Celso Daniel, mais precisamente em 11 de novembro de 1992, o imóvel foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Santo André (COMDEPHAAPASA), passou por adaptações e começou a abrigar o projeto Casa do Olhar em 13 de novembro de 1992.

O espaço precisou passar por restauração em 2006, pois havia um grave problema de deterioração fazendo com que ele, inclusive, fosse fechado devido ao estado em que se encontrava. Quem vê o lugar atualmente não imagina que isso ocorreu algum dia. A Casa do Olhar, nos dias de hoje, conta com duas salas de exposição para artes visuais, uma sala de exposição fixa em que ficam alguns quadros de Luiz Sacilotto, um escritório, uma biblioteca de arte, um almoxarifado em que ficam os materiais das oficinas, um atelier com capacidade para aproximadamente trinta pessoas, copa e banheiros. Foi através da curiosidade em conhecer esse ambiente, as pessoas que eram responsáveis de mantê-lo e quem o visita que eu o escolhi.

Escolher um campo de pesquisa é difícil, mas nada se compara ao sentimento de ir conversar com as pessoas que estão por trás dele, solicitar autorização para utilizar o espaço, acompanhar a rotina e criar laços de troca e confiança para que a pesquisa se desenvolva de forma honesta e recíproca. A sensação de desconforto presente nos primeiros contatos foi marcante e não sabia quanto tempo iria durar e nem se seria aceita por aqueles que cuidam do espaço. Bogdan e Biklen (1994) nos alertam que

Os primeiros dias representam a primeira fase do trabalho de campo. A sensação de desconforto e de não se pertencer àquele mundo, que caracteriza esta fase, geralmente acaba com uma indicação clara de aceitação por parte dos sujeitos. Um convite para um acontecimento social ou um pedido para participar numa atividade normalmente restrita aos membros da instituição podem representar essa aceitação. Outro indício poderá ser dizerem-lhe que sentiram a sua falta numa das vezes em que não pode ir (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 124).

Para minha felicidade a sensação de desconforto passou quando recebi autorização para iniciar efetivamente a pesquisa. Fui recebida por dois homens incríveis, que cuidam não apenas da Casa do Olhar, mas de uma série de pontos culturais da cidade de Santo André, como: A Casa da Palavra, o Salão Luiz Sacilotto, o festival de Paranapiacaba, as exposições da Sabina e o Museu de Santo André. O trabalho é árduo, são poucos funcionários para cuidar de todos esses pontos, mesmo assim, tiraram um tempo para me ouvir e me recepcionar.

Em um primeiro momento pensei que não seria bem-vinda, pois houve diversos questionamentos sobre a natureza do trabalho, além de solicitação de uma carta da universidade (UFABC) apresentando a mim e ao meu projeto de pesquisa, mas após entregá-la à pessoa que a solicitou, me senti imediatamente acolhida. Fui apresentada a cada um dos funcionários e ao espaço, me permitiram circular por todos os ambientes da Casa, acompanhar a rotina e cada um dos colaboradores, falar com o público e ainda recebi dicas para desenvolver o trabalho de forma mais proveitosa (como frequentar os dias em que há maior movimentação do público – aos sábados).

Tive contato diretamente com nove pessoas que trabalham na Casa e fui muito bem recebida por todas elas, que prontamente se dispuseram a me ajudar e a responder todas as minhas questões. Há outros funcionários que trabalham lá, mas devido a restrição de dias em que estive presente – às quintas-feiras de tarde e aos sábados de manhã – tive contato apenas com esses servidores. Na Casa do Olhar Luiz Sacilotto há agentes culturais, uma auxiliar administrativa, guardas patrimoniais, colaboradores responsáveis pela limpeza e uma pessoa que recepciona o público e também realiza outros serviços, auxiliando nas demais funções. A relação que mantivemos foi de amizade, vi em cada conversa a confiança e carinho que

depositaram em mim e em meu trabalho, essas pessoas compartilharam suas histórias de vida e de trabalho comigo e em troca eu compartilhei as minhas.

A minha principal dúvida em relação ao espaço era entender a diferença dele para um museu. Um dos meus entrevistados, uma pessoa com uma trajetória admirável, com um humor um tanto quanto sarcástico, o tipo de pessoa que você ficaria horas e horas conversando sem se preocupar com o tempo, me esclareceu: museus, geralmente, representam a história dos locais em que estão localizados, ou seja, representam o passado através de documentos históricos, quadros, esculturas e vestimentas, já a Casa do Olhar é voltada às artes plásticas, a contemporaneidade, ao atual.

Após as dúvidas mais gerais esclarecidas, comecei a focar minha atenção em perguntas que me auxiliariam a responder minha pergunta de pesquisa e os principais questionamentos que fiz foram em relação ao tempo de trabalho de cada servidor na Casa do Olhar, sobre a importância do espaço para eles, sobre a circulação do público e quais as formas de instigar a população a visitar mais esse local. O tempo em que cada um está trabalhando nesse lugar varia, há alguns funcionários que já trabalharam lá em outro momento, foram transferidos para outro local e retornaram. Têm pessoas que estão há 7 meses, outras que estão há 6 anos, o tempo não importa, a relação que vemos entre as pessoas que trabalham lá é de reciprocidade, amizade e confiança. Vemos um auxiliando o outro quando necessário e a preocupação que sentem por quem está diariamente a sua volta. Também notei que não há distinção por função (todos são tratados de igual forma, como deve ser), todas essas coisas contribuem para o ambiente ser acolhedor.

Claro que nem tudo são flores, há problemas como em qualquer lugar. Um dos problemas está relacionado com a baixa quantidade de recursos disponibilizados para manter a Casa, sendo que em algumas situações os funcionários usam o próprio recurso. Há alguns anos não havia nem segurança, a Casa ficava totalmente exposta e as pessoas vulneráveis, pois não há câmeras e a própria estrutura do lugar faz com que seja difícil se defender e prever que algo de errado possa estar acontecendo. Mas após uma invasão da Casa, eles conseguiram que a prefeitura disponibilizasse guardas. Todos foram unânimes em relação à importância do espaço para eles: o espaço é como se fosse uma segunda casa, gostam da arquitetura do lugar e das relações das pessoas que frequentam e trabalham ali. Em relação à circulação do público, também houve consonância de que, desde que entraram, houve uma diminuição, ressalvado casos em que há exposição de artistas mais famosos, podemos ver isso abaixo em um trecho da conversa que tive com um dos funcionários:

“EU: Você acredita que desde que começou a trabalhar aqui houve um aumento do número do público ou contínua estável?”

ENTREVISTADO: Houve uma diminuição. Antes havia muitas oficinas e divulgação, as aberturas das exposições também eram diferentes, ocorriam a noite, durante a semana e havia um “coquetel” para os visitantes. A movimentação também era maior devido as universidades locais que ofereciam cursos de artes e isso fazia com que alunos e professores frequentassem mais o espaço, porém, muitas delas encerraram suas atividades

EU: Como você acha que o público seria mais instigado a visitar esse espaço, ou seja, o que você acha que deveria ser feito para atrair mais público?”

ENTREVISTADO: Primeiro é preciso criar um projeto sobre “o que queremos para a Casa do Olhar” e “qual público queremos atrair”, com base nessas respostas, trabalhar. (Diálogo adaptado porque a entrevista não foi gravada e as anotações foram feitas apenas para lembrar pontos importantes da conversa, portanto, a fala do entrevistado está estruturada com base nisso)”

Outras alternativas para atrair público surgiram, mas no geral, acreditam que é necessária uma maior divulgação da Casa, seja por panfletagem, colocando um banner ou uma placa em frente à Casa e estimulando a população a ter um maior interesse pelas atividades culturais oferecidas pela cidade.

Por outro lado, as questões feitas ao público, tinham como foco descobrir se era a primeira visita à Casa, o que mais havia chamado sua atenção, qual a importância do espaço para a sociedade, segundo ele, e qual a pretensão de retorno. Durante as minhas visitas às quintas-feiras, quase não vi público circulando por lá, tinham pessoas que entravam pelo portão, olhavam ao redor, mas incertos se adentravam para conhecer o espaço, iam embora. Já as visitas aos sábados, conforme a dica que me deram, foi mais proveitosa no sentido de ter um maior contato com o público. De fato, é o dia em que há maior movimento.

Praticamente todos os entrevistados estavam lá pela primeira vez, das doze entrevistas que fiz, apenas duas pessoas já haviam visitado o lugar anteriormente. Todos os entrevistados foram visitar a Casa por curiosidade, pois sempre passavam em frente, mas não sabiam o que tinha lá. Por possuir uma arquitetura diferenciada das demais que estão em sua localidade, sentiram vontade de conhecer como era por dentro. Todos disseram que tem a intenção de voltar outras vezes e ver outras exposições.

No geral, o que mais atrai os visitantes, tão escassos durante a semana, é a estrutura da Casa em si. Uma mulher, com sua mãe e sua filha, visitavam o espaço devido a um trabalho escolar que a filha precisava desenvolver: visitar um ponto histórico da cidade; outro rapaz, estudante de arquitetura, acompanhado de seu filho, visitava o espaço para olhar os vitrais e os detalhes da Casa; um grupo de pessoas, convidado por uma das artistas da exposição “Mulheres na Arte Contemporânea Inter-relações”, foi visitar a exposição porque já era a última semana que ela estaria exposta; por fim, os demais, foram conhecer o espaço por curiosidade.

Esses visitantes veem o espaço como uma forma de mostrar um pouco como era a cidade de Santo André no século passado. Segundo eles, a ausência de estruturas arquitetônicas como a que a Casa do Olhar possui faz com que se perca um pouco da história da cidade e ter um espaço assim, faz com que ela seja preservada. Além do contexto histórico percebido pelos demais visitantes, o estudante de arquitetura acha interessante como o atual se mistura com o antigo na Casa do Olhar, apesar de sua estrutura ser antiga e remeter a um pedaço da história de Santo André, ela trabalha com o contemporâneo, mostrando obras de artistas atuais, sendo, segundo ele, um contraponto interessante do lugar.

Os momentos mais marcantes dos dias em que visitei a Casa do Olhar, com certeza, foram o meu primeiro e último dia em campo. No primeiro dia, demorei a criar coragem para entrar na Casa e quando finalmente criei, me senti sozinha e desamparada. Não havia ninguém à vista – nem funcionários, nem visitantes – e me questionei sobre onde estava todo mundo, fiquei uma hora e meia lá sem ter contato com ninguém e sem muito o que fazer vi toda a exposição com calma, prestei atenção aos detalhes a minha volta e esperei. Esperei na recepção por visitantes, esperei por funcionários, mas não encontrei ninguém. Me questionava como deveriam se sentir os demais visitantes quando adentravam o lugar e se deparavam com o ambiente da forma que eu me deparei, fiquei me questionando o que eles fariam: entrariam e aproveitaram ao máximo o espaço e a exposição ou iriam embora?. Confesso que fiquei tentada a ir pelo segundo caminho, mas não poderia, precisava encontrar alguém para pedir autorização e dar continuidade ao trabalho.

Após longo período sem encontrar com alguém, resolvi eu mesma ir atrás e seguir as vozes que eu estava ouvindo desde que cheguei. Fui até o escritório, mas quando tive coragem para entrar me deparei com ele vazio, cismada, pois não poderia as vozes não poderiam ser algo da minha imaginação, resolvi ir até a parte de trás da Casa a procura deles, lembrei que quando fui lá com a minha irmã, havia algumas obras expostas naquele lugar. Eu estava certa,

havia pessoas lá! Essas pessoas eram as que eu citei no início do relato – me recepcionaram e me autorizaram a dar prosseguimento com a pesquisa. Expliquei como me senti quando entrei na Casa e me deparei com ela vazia e sobre o meu estranhamento em relação a não ter outros visitantes. Em relação aos visitantes, fui informada que durante a semana o fluxo é menor, que o dia mais movimentado é ao sábado, já em relação a não ter ninguém para recepcionar os visitantes fui informada que antes havia, mas mais uma vez devido a ausência de recursos, não há mais. Alguns funcionários se revezam para fazer esse trabalho, mas naquele dia em específico estavam ocupados e o guarda que fica na entrada não pôde ir, por isso o espaço estava vazio.

Em contrapartida, no meu último dia em campo não tive medo, mas um sentimento de saudade antecipada por não ter mais aquele compromisso de ir toda semana passar uma tarde naquele espaço e conhecer as pessoas que ali frequentam. O sentimento estava criado, naquele momento eu não era uma pesquisadora, mas um deles e aquele sentimento que eles têm pelo espaço eu também passei a ter. No meu último dia em campo, entendi a importância do espaço para os funcionários e para a cidade. Eu não precisava mais de alguém para me recepcionar, eu já era de casa, eu entendia como ela funcionava, eu sabia como os visitantes se sentiam em seu primeiro dia de visita, sabia o que cada funcionário fazia e também sabia a dor de dizer adeus àquele lugar que durante oito visitas passou a ser meu lar. Naquele momento de dizer adeus a cada um deles, passou detalhadamente por minha cabeça, cada uma das visitas, do contato com as pessoas, das informações compartilhadas e de como é importante se colocar no lugar daqueles que você quer conhecer a história e a rotina, da importância de se desfazer de suas vestes por um momento e se vestir com as daqueles que te recepcionam.

Em síntese, após todas as visitas ficou claro que muitos funcionários veem a Casa do Olhar como um segundo lar e fica nítido o carinho por parte deles e dos visitantes presente pelo espaço e pela história que ele representa. Lima e Bomfim (2009, p. 496) falam sobre o modo como “o apego ao lugar (...) refere-se aos sentimentos que o lugar propicia para as pessoas, como a segurança e o conforto. É a experiência concreta e cotidiana com o lugar que permite que esse apego aconteça (...)”. Mesmo aqueles que não frequentam o espaço cotidianamente ou que o visitam pela primeira vez, demonstram grande afeto em suas falas sobre o lugar e em como ele é acolhedor e aconchegante. Uma das pessoas que trabalham há mais tempo na Casa relatou que se tivesse forças e saúde se encarregaria sozinha de cuidar da

manutenção dela (cuidando da limpeza, por exemplo), tamanho o carinho e amor que tem pelo ambiente em que trabalha.

Entretanto, apesar de todo o carinho envolvido pelo ambiente fica claro que é preciso desenvolver formas de estimular maior visitação do público ao espaço, conforme percebido pelos próprios funcionários. Porém, com o quadro de funcionários escasso – já sobrecarregado por ter que cuidar de outros locais - e com o pouco investimento da prefeitura de Santo André, fica difícil realizar atividades, oficinas e divulgação que atraia mais visitantes, uma vez que ficam na dependência de “voluntários”, por não possuírem recursos para pagar pessoas que possam realizar essas atividades. Uma forma, talvez mais econômica e eficaz, que ajudaria a curto prazo a encorajar as pessoas a adentrarem o espaço, é colocar um painel grande ou um banner que identifique a Casa, fale resumidamente o que ela é e funcione como um convite ao público a entrar e conhecer. As divulgações na internet são eficazes, mas apenas a partir do momento em que as pessoas tenham conhecimento sobre o lugar e o que ele oferece e tenham conhecimento também dos locais em que são divulgadas as informações sobre as atividades culturais eventos realizados, caso contrário, não serão “atingidas” por essa forma de divulgação.

Anexo

Anexo A - Fotografia – Uma perspectiva da Casa do Olhar



Fonte: da autora

Referências Bibliográficas

ARMELINI, A. I. M. S. Q. **A preservação do patrimônio em Santo André: uma avaliação sobre a contribuição do uso cultural em imóveis tomados.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BEVILAQUA, C. B.; SILVEIRA, M. S.; GOMES, A. M. R.. **Chegadas Partidas: Um estudo etnográfico sobre relações sociais em casas-lares.** 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. O Trabalho de Campo. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.

LIMA, D.M. A.; BOMFIM, Z. A. C.. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: Diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico** (PUCRS. Online), v. 40, p. 491-497, 2009.